

Raymond Depardon versus Paul Virilio

Imagens de um mundo em mutação e em perda na Fundação Cartier

O fotógrafo-cineasta e o filósofo-urbanista dialogam sobre o estado do mundo, numa exposição em Paris. Uma vez contradizem-se, outras complementam-se

Sérgio C. Andrade

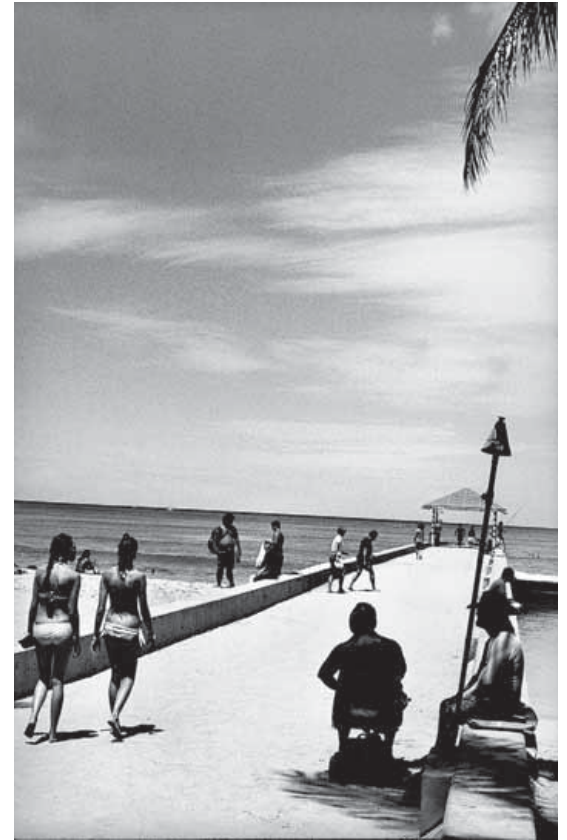
● De um lado, os povos de lugares distantes do antropocentrismo ocidental a falarem a sua língua, a expressarem a sua mundividência, tanto quanto ela pode ainda sobreviver nos dias de hoje; do outro, uma reflexão filosófica sobre a alteração dos paradigmas da relação do homem com o seu lugar no mundo: o sedentário é agora aquele que está em todo o lado, a partir de sua casa; o nómada é o que fica em sua casa, porque não tem lugar no mundo...

Raymond Depardon (n. 1942, francês, fotógrafo, cineasta etnólogo) e Paul Virilio (n. 1932, também francês, filósofo, urbanista) estão frente a frente na Fundação Cartier, em Paris, numa exposição intitulada *Terre Natale - Ailleurs commence ici*. Não é uma exposição como as outras, é antes um diálogo, uma confrontação, política e poética, de visões simultaneamente contraditórias e complementares sobre o estado actual do mundo.

Nas galerias da fundação do Boulevard Raspail, Depardon exhibe fotografias e os documentários *Donner la Parole, Tour du Monde en 14 Jours* e *La Vie Moderne*, rodados no ano passado entre o Brasil e a Etiópia, a Bolívia e o Havaí, a África do Sul e Singapura, além de lugares recônditos do seu próprio país, com a Bretanha e a Occitânia. Neles, o fotógrafo-realizador de quem conhecemos a atenção ao mundo dos camponeses e às panorâmicas de paragens distantes preocupa-se em “dar voz a todos quantos quiseram viver na sua terra mas foram obrigados ao exílio”, e que vêm agora as suas culturas e a sua língua perderem lugar e expressão.

“Eu quero defender a minha terra e a minha floresta”, dizem duas mulheres índias na floresta amazônica, na América do Sul. “Que restará de nós se nos levarem a nossa terra e a nossa língua”, acrescentam estas duas personagens que simbolizam todos aqueles que, em diferentes partes do planeta - seja a mulher mapuche no Chile, o povo afar na Etiópia ou o camponês francês Raymond Privat, que adora a sua vaca... -, vêm as suas culturas e, com elas, a sua sobrevivência em risco.

Noutra sala, uma instalação de Paul Virilio (com montagem dos artistas e arquitectos Diller Scofidio, Renfro e Mark Hansen, Laura Kurgan e Ben Rubin, que recorreram a filmes, mapas e gráficos) reflecte o mundo que sofre da “doença da velocidade”, e que perdeu “a vastidão” que tinha antes de ser a aldeia global que hoje é. O fenómeno das migrações e a sua



Uma ponte no Chile, uma praia em Honolulu, uma estrada na Argentina e uma sala de espera no Japão - o mundo visto por Depardon

anunciada aceleração - mais de 200 milhões de pessoas serão obrigadas a mudar de lugar até 2050, “o êxodo rural deu lugar ao êxodo urbano”, diz Paul Virilio, no *site* da Fundação Cartier -, em resultado da globalização, estão a provocar a “reurbanização do mundo”. Simultaneamente, a cidade antiga dá lugar a um novo conceito de urbe, a que o urbanista filósofo chama *l'outre-ville*, a “cidade-além”, ou a “omnipolis”, a cidade do exílio e da partida permanente, aquela em que o centro passa do núcleo histórico tradicional para os lugares-em-trânsito: as gares do TGV, os aeroportos, ou mesmo os elevadores nos arranha-céus...

Terre Natale - Ailleurs commence ici fica até 15 de Março.